Desafios do desenvolvimento

As usinas do rio Madeira e seus impactos em Rondônia

Estado apresenta crescimento alto, mas é necessário equacionar novos problemas

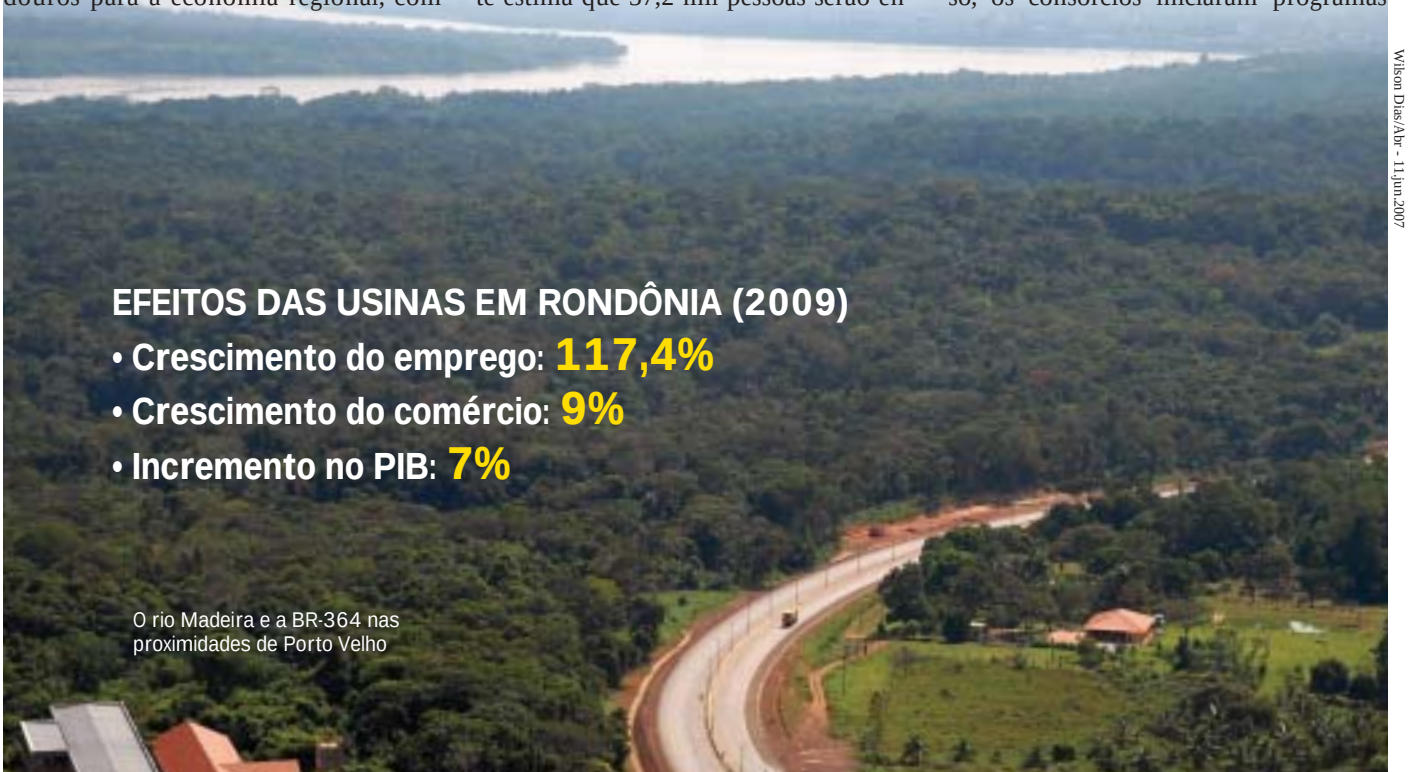
Luis Fernando Melo Mendes* e Ana Maria Castelo

A EXPANSÃO do parque energético, condição necessária para sustentar o crescimento brasileiro, com a construção de grandes usinas hidrelétricas tem grandes efeitos na economia regional. No caso das usinas do rio Madeira, em construção há mais de um ano, já é possível perceber um forte impacto na economia de Rondônia. As duas usinas simbolizam a retomada das grandes obras de infra-estrutura em um contexto democrático, o que exige maior responsabilidade social, seja dos órgãos públicos ou da sociedade civil. Em outras palavras, elas representarão um projeto bem-sucedido à medida que conseguirem produzir resultados duradouros para a economia regional, com a população beneficiando-se de forma sustentável da nova riqueza.

Rondônia representa apenas 0,6% do PIB nacional e sua economia dependia essencialmente da agropecuária e do setor público. Com as obras, o setor de construção e o comércio passaram a representar forças de peso na produção local. A população viu surgir novas oportunidades de trabalho e o comércio cresce a taxas muito acima da média nacional. Em contrapartida, o aumento do fluxo migratório começa a criar novas demandas sociais, alterando de forma importante a organização das cidades próximas às obras, em especial Porto Velho.

Estudo do Ministério do Meio Ambiente estima que 37,2 mil pessoas serão envolvidas direta e indiretamente nas obras. A usina de Santo Antônio deverá demandar 11 mil trabalhadores diretos, enquanto Jirau gerará mais de 12 mil empregos. Para entender o impacto disso, basta lembrar que o setor da construção empregava apenas 6,6 mil trabalhadores com carteira no Estado em dezembro de 2007.

O início das obras aqueceu imediatamente o mercado de trabalho regional, principalmente para vagas geradas diretamente nos canteiros de obra. Um dos compromissos acertados pelos consórcios com o governo foi o de empregar prioritariamente a mão-de-obra local, em um percentual de no mínimo 70%. Para conseguir cumprir o compromisso, os consórcios iniciaram programas



O rio Madeira e a BR-364 nas proximidades de Porto Velho

Wilson Dias/Abr - 11.jun.2007

de treinamento e qualificação seis meses antes das obras começarem. Em parceria com o Senai, foi instalado um programa de qualificação profissional continuada que conta com 16 cursos preparatórios até 2010 em quatro áreas (operadores de máquinas, mecânicos, eletricistas e profissionais da construção).

Assim o emprego formal é o indicador que mais tem refletido o impacto das obras. Em dezembro de 2008, o setor da construção já era responsável pelo emprego de 8.675 pessoas. Na média do ano, o crescimento em relação a 2007 chegou a 13,9%. No segmento de infra-estrutura, o aumento do emprego foi ainda mais expressivo, com elevação de 33,8% nessa mesma comparação.

Em 2009, o processo de contratação de trabalhadores se intensificou: em agosto, o total de empregados no setor em todo Estado chegou a 22.515 pessoas. O emprego nas obras de infra-estrutura, por sua vez, foi multiplicado por sete entre janeiro e agosto na comparação com o mesmo período de 2008. Essa contratação tem se concentrado especialmente em Porto Velho, que viu o contingente de trabalhadores na construção crescer 3,9 vezes entre agosto de 2008 e agosto de 2009.

O mercado de trabalho local de mão-de-obra é, portanto, insuficiente mesmo com os programas de treinamento, o que tem contribuído para atrair trabalhadores de outras cidades. Ao contrário de Rondônia, nos demais Estados da região Norte houve quedas acentuadas no emprego. No Pará e no Amazonas, as reduções foram de 12,17% e 9,27%, respectivamente entre janeiro e agosto na comparação com o mesmo período de 2008. Outro setor bastante favorecido com as obras tem sido o comércio local: o volume de vendas registra crescimento de 9% entre janeiro e agosto, contra uma taxa de 4,7% na média do país.

Para atender a demanda por moradia das novas famílias que se instalam ou pretendem se instalar em Porto Velho, os lançamentos imobiliários cresceram expressivamente: Em março de 2009, havia 108 empreendimentos imobiliários em andamento na capital de Rondônia, ou aproximadamente três mil novas moradias que deverão ser entregues nos próximos dois anos. A contratação no segmento imobiliário local registra uma taxa de crescimento que é o triplo da média nacional.

O equilíbrio entre os interesses público e privado é a base de um projeto sustentável

Tantas mudanças em um período tão curto geram desafios urbanos gigantescos. Junto com a demanda por moradia, surgem necessidades de mais saneamento, educação, equipamentos de lazer e de mobilidade urbana. Para mitigar os efeitos negativos, a aprovação da usina de Santo Antônio foi condicionada ao compromisso por parte do consórcio vencedor com um extenso programa de compensação para as comunidades locais.

Entre elas, está programada a construção de frigoríficos. Porto Velho tem uma posição estratégica em relação ao escoamento da produção local e de toda a região centro-norte. Posição que deve se fortalecer com a construção de eclusas nas usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, que elevarão o trecho de navegação dos atuais 1.056 km a 4.225 km à montante de Porto Velho, conectando os rios Madeira, Mamoré e Guaporé (Brasil), Beni (Bolívia) e Madre de Dios (Peru). Desta forma, será possível a exportação de carnes para o Peru e a Bolívia, além de permitir o acesso ao Oceano Pacífico, tornando a rota mais econômica para o mercado asiático.

A criação de uma demanda elevada e cativa nos próximos anos relacionada à atividade das hidrelétricas levou um grupo de fábricas a se instalar no Estado. A Indústria Metalúrgica e Mecânica da Amazônia (Imma), por exemplo, foi a primeira usina de base a se fixar na região Norte e fabricará os equipamentos hidromecânicos (comportas) e de levantamento (pontes-rolantes). Votorantim Cimentos, Makro e Carrefour são outras empresas que já anunciaram investimentos em Porto Velho.

Os reflexos das obras já são expressivos. A Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral de Rondônia (Seplan-RO) estima um crescimento de 7% no Estado em 2009. Mas uma história recente de disputas agressivas pelo uso econômico dos recursos naturais do rio Madeira e acordos que não resultaram em transformações positivamente representativas fazem com que as obras ainda sejam vistas com desconfiança pela população.

A transposição exitosa dos obstáculos fiscais, ambientais, tecnológicos e de gestão nestas obras emblemáticas pode representar uma nova fase da história econômica regional se for obtido o equilíbrio entre os interesses público e privado, o que é base de um projeto de desenvolvimento sustentável.

CARACTERÍSTICAS DAS USINAS

A construção da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, de responsabilidade do Consórcio Madeira Energia, envolve o investimento direto de R$ 13,5 bilhões. A obra foi iniciada em setembro de 2008 e sua operação será gradativa, com início previsto para maio de 2012. O término da obra tem previsão para 2015.

Na construção da Usina Hidrelétrica de Jirau, sob responsabilidade do Consórcio Energia Sustentável do Brasil, os recursos envolvidos diretamente deverão somar R$ 10 bilhões. As obras foram iniciadas em junho de 2008 e terão um prazo maior para sua conclusão, de sete anos e meio. O início das operações também deverá ocorrer no primeiro semestre de 2012.

As duas usinas gerarão 6.600 MW de energia (3.450MW de Jirau e 3.150 MW de Santo Antônio), o que representa metade da potência de Itaipu e 8,5% da oferta de energia hidrelétrica do país.

* Mestre em economia e assessor da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC).